

Resenhas

Resenha do livro "Do homo movens ao homo academicus: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física"



Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

E-mail: marcelomoraes@ufpr.br

SOUZA, J. **Do homo movens ao homo academicus**: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física. São Paulo: Liber Ars, 2021.

Submetido em: 2022-10-27

Aceito em: 2022-11-02

O livro intitulado "Do *homo movens* ao *homo academicus*: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física", escrito por Juliano de Souza, docente da Universidade Estadual de Maringá, publicado no ano de 2021, pela editora LiberArs, é uma obra que almeja, de maneira bastante estruturada e por diversas vezes polêmica, estabelecer uma teoria reflexiva na esfera da Educação Física. O manuscrito intenta questionar determinados cânones existentes na área, buscando constituir uma teoria em torno da noção que o autor denomina de movência. Para alcançar seu arrojado objetivo, Juliano de Souza divide a obra em quatro capítulos, além de incluir uma nota do autor, um prólogo e um epílogo.

Em seu prólogo, Souza lança as bases daquilo que entende por *homo movens* e por *homo academicus*, enfatizando o significado que as referidas classificações têm para a área da Educação Física. Nesse momento, a autoria menciona os problemas que os dois termos oferecem, almejando, com isso, estabelecer premissas para instituir sua teoria reflexiva para a Educação Física. Cabe destacar que suas definições são claramente inspiradas nas formulações de sociólogos como o alemão Ulrich Beck e o britânico

Anthony Giddens. Tal reflexividade é entendida como a capacidade de autotransformação e autoconfrontação do mundo mediante níveis significativos de atuação humana expressos em dinâmicas que podem envolver ou não o processo reflexivo.

No primeiro capítulo, denominado "Educação Física Reflexiva e Projeto Criador", Souza explora teses relativas ao processo de modernização reflexiva e suas relações com as teorias geral e pedagógica da área. Nessa parte do livro o autor se vale de uma das suas audaciosas hipóteses, indicando que no contexto de uma primeira modernidade a Educação Física não logrou o êxito de consolidar um consenso mínimo sobre sua especificidade científico-pedagógica. A autoria salienta que a segunda modernidade seria um momento oportuno para a retomada desse projeto, principalmente mediante um novo impulso teórico que pudesse evidenciar um outro papel social para a Educação Física no cenário contemporâneo. Assim, a obra aponta a movência como uma categoria importante.

Contudo, antes de definir a noção de movência, Souza analisa a corrente crítica iniciada no Brasil na década de 1980, momento que, segundo o autor, necessita ser revisitado de forma reflexiva. Afinal, essa guinada teórica crítica representava um descontentamento e até mesmo um afastamento com os elementos pedagógicos formulados pela Educação Física na denominada primeira modernidade.

Para exemplificar a autoria, o autor cita uma série de abordagens produzidas nas décadas de 1980 e 1990, dentre elas: a humanista, de Vitor Marinho de Oliveira; a desenvolvimentista, de Go Tani e colaboradores; a construtivista, de João Batista Freire; a crítico-emancipatória, de Elenor Kunz; a sistêmica, de Mauro Betti; a fenomenológica, de Wagner Wey Moreira; a crítico-superadora, elaborada por um Coletivo de Autores e a plural, de Jocimar Daólio.

Nesse contexto, o autor indica que as referidas proposições críticas necessitam passar por um profundo processo de reflexão, assumindo formas de pensamento mais realistas, que não idea-

lizem o passado e muito menos projetem no presente um tempo pretérito que, de certa forma, já foi julgado e condenado. Em outras palavras, há que se considerar as mudanças em marcha no mundo social em escala planetária não como meros aditivos ideológicos, mas como processos empiricamente observáveis, uma realidade que a Educação Física e o esporte, na parte que lhes cabem e nas figuras do *homo movens* e do *homo academicus*, ajudaram a construir.

A partir desse posicionamento, Souza utiliza-se do recurso de estabelecer as condições que possam possibilitar uma maior reflexividade na esfera da Educação Física. Nesse cenário, a autoria levanta como possibilidade um projeto de construção da "narrativa reflexiva do eu", proposta que pode levar os indivíduos a uma libertação das estruturas tradicionais, contribuindo para uma tomada de decisão na construção de seus estilos de vida.

Em tal cenário, os professores de Educação Física se tornariam os agentes que apresentariam aos diversos setores da sociedade os programas e modelos pedagógicos em torno do movimento humano. A proposta acima descrita poderia assumir um discurso unificador de identidade epistemológica para a Educação Física, algo que seria historicamente construído pelos peritos e *experts*, ação que definiria a especificidade da área e que, posteriormente, poderia ser aceito por um público mais geral. Sendo assim, o livro resenhado fornece aos leitores a noção de biografia de movimento, conceito que deve se relacionar intrinsecamente com a definição de movimento humano.

No capítulo seguinte, intitulado "Prolegômenos à Ciência do Movimento Humano", é fornecido um *design* estrutural da Educação Física, que, no entendimento de Souza, corresponde à sua configuração científica na atualidade. A autoria busca apresentar um entendimento sobre o domínio de uma teoria geral da Educação Física, defendendo a necessidade do estabelecimento de uma estrutura epistemológica mínima em torno do movimento humano, elementos que, segundo o autor, podem contribuir

para a elaboração de modelos de intervenção que sejam mais aderentes e íntimos à área.

Nesse momento, Souza enfatiza que ele não acredita que seja preciso inaugurar uma nova ciência básica, com uma outra denominação, para garantir à área uma participação legítima na esfera científica. O autor menciona nomenclaturas como Kinantropología, Psicocinética, Praxiologia Motriz, Cinesiologia, Ciência do Esporte, Ciência da Motricidade Humana e Ciência da Atividade Física como esforços realizados nesse intuito. Em contrapartida, a autoria também evidencia seu desacordo com uma vertente que se afastou do discurso científico e acabou buscando refúgio no âmbito da Educação.

Sendo assim, o autor lança uma crítica a Go Tani e Valter Bracht, respectivamente, os dois intelectuais mais representativos da vertente científica e pedagógica na Educação Física no Brasil, pois, segundo os argumentos levantados no livro, ambos procuraram em entidades externas à forma de informar teoricamente a atividade epistemológica e a prática da área. O primeiro, ao buscar seus aportes na Cinesiologia e, o segundo, nos fundamentos acumulados no campo educacional.

Souza sublinha que essa dicotomia estabelecida produziu na Educação Física brasileira espaços com pouca capacidade de comunicação, que em muitos momentos se localizam em regiões fronteiriças, perdendo, com isso, os elementos da área de seu próprio horizonte.

No terceiro capítulo, alcunhado de "Por uma teoria reflexiva da movência", Souza advoga que se estabeleça na área uma teoria geral do movimento e uma teoria pedagógica sustentada nas noções de biografia e autobiografia do movimento. Tal procedimento possibilitaria um trabalho adequado, visto que existira uma ciência que estudaria o movimento e uma pedagogia que promoveria as ações centradas na movência.

Nesse contexto específico, a Educação Física escolar assumiria um papel decisivo, pois o processo de escolarização representa-

ria uma oportunidade única para que um trabalho reflexivo e de amplo alcance em torno das biografias de movimento fosse acionado. Contudo, o autor salienta que esse movimento não deve ser restrito às escolas, sendo possível de ser aplicado em diferentes contextos como os clubes, escolas esportivas, academias e espaços ao ar livre. Aqui, Souza levanta argumentos interessantes, pois sinaliza o papel que o professor de Educação Física pode desempenhar na condução do processo de escrita de vida feita através do movimento humano.

Ainda nesse capítulo, Souza explora o processo de emancipação que poderia ser realizado através da movência. O autor afirma que os professores de Educação Física, ao potencializarem a autoconfiança e almejem níveis de segurança ontológica pelo movimentar-se nos diferentes espaços de atuação profissional, podem encorajar os alunos a descobrirem e sentirem a potência que existe neles mediante a construção de biografias de movimento amplas e duradoras. Seria, segundo suas palavras "um antídoto poderoso frente a sensação de impotência institucionalmente instalada na sociedade global" (SOUZA, 2021, p. 118). A autoria ressalta que não se trata de idealizar uma forma de trabalho, refere-se a uma ação que possa responder imperativos da sociedade de risco sem perder de vista o amplo patrimônio cultural acumulado em torno do movimento.

Já no quarto e último capítulo, denominado de "Movo-me, logo existo! Questões sobre atuação e mudança na área de Educação Física", Souza intenta sustentar a tese de que é no reconhecimento de uma especificidade da Educação Física, como um domínio científico-pedagógico, ligado às relações e fenômenos que dizem respeito ao movimento humano e ao *homo movens*, onde se localiza a maior contribuição da profissão para a sociedade.

Para alavancar suas desestabilizadoras hipóteses, o autor realiza uma severa crítica às teorias críticas e pós-críticas, principalmente por considerar, muitas vezes, que elas perderam de vista o sentido interno do ofício de professor de Educação Física. A autoria argumenta que intelectuais que sustentaram seus argumen-

tos em torno dos discursos críticos e pós-críticos terminaram por dissolver e/ou desacreditar uma especificidade para a Educação Física, apregoando que a história somente teria passado a existir quando suas análises entraram em circulação na área.

Esse fato acarretou contestações em relação à presença da Educação Física nas escolas, bem como fragilizou toda sua organização curricular. Sendo assim, para Souza, seria necessário estabelecer um novo mapa pedagógico centrado nas biografias de movimento, aventura que não seria estabelecida por um modelo fechado e que deveria ser guiada pelos professores e alunos num processo de escrita mediada através da noção de movência.

Por fim, no epílogo, em consonância com o seu exercício reflexivo, o autor tenta articular o problema do *homo movens* ao do *homo academicus*, ofertando ao leitor uma resposta para as problemáticas levantadas. Souza sugere que diversas das dificuldades impostas a uma maior autonomização científico-pedagógica da Educação Física advém de ausência de uma visão relacional entre as teorias desenvolvidas no interior da área. A autoria indaga que somente nesse exercício de cotejamento, amparado num intenso esforço reflexivo, é que a Educação Física poderá se remodelar teoricamente como profissão num futuro que se mostra cada vez mais imprevisível, desconhecido e inseguro.

Cabe destacar que o livro analisado oferece ao leitor um robusto arcabouço teórico, que defende com profundidade analítica seus argumentos. Trata-se de uma importante obra que merece ser levada em questão, afinal, ao sinalizar em direção a uma Educação Física reflexiva, pautada num conceito de movência, e numa crítica vigorosa a argumentos externos que acabaram por fragilizar a especificidade da área, o autor recoloca problemas importantes que não podem ser negligenciados pela Educação Física brasileira e, talvez, nem pela internacional.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.